

# DIÁRIO DA TARDE

JORNAL REPUBLICANO INDEPENDENTE

Director político — ALBERTO XAVIER  
Redactor principal — LUÍS DEROUET

Propriedade da Empresa "Diário da Tarde" — Redacção, administração e oficinas, Largo da Trindade, 17, 1.º — Impressão, Rua da Atalaia, 114 — Editor Antonio Maria de Carvalho — TELEPHONE 2820 N.

Lêr na 4.ª página:

Vida Literária

WASHINGTON, 2. — A missão financeira romana aceitou as condições que lhe foram postas pela comissão americana das dívidas.

## EM VESPERAS DE MODIFICAÇÕES POLITICAS

# CRISE PRESIDENCIAL

Nos bastidores da política portuguesa dá-se como certa a anunciada renúncia do sr. Teixeira Gomes à presidência da República; e de tal modo que, no seio das agremiações dirigentes dos partidos e grupos republicanos, o assunto dominante das preocupações mais urgentes, o objecto primário das combinações mais instantes é a eleição do futuro chefe do Estado.

Quantas esperanças desfeitas, quantas ilusões perdidas com respeito à personalidade do actual titular da presidência da República quando o seu nome, aureolado por um passado de serviços diplomáticos de incontestável relêvo, surgia em 1923 como um instrumento oportuno e útil de paz, de concórdia, de estabilidade e de fé, visto o sr. Teixeira Gomes não ter sido jamais um político de partido, mas apenas um republicano de crenças arraigadas, um artista de finas predilecções, um homem de educação esmerada!

Dir-se-há que os partidos e os grupos que concorreram para a eleição do sr. Teixeira Gomes não o ajudaram a tornar fácil a sua missão. Dir-se-há que os políticos, pelas contradições frequentes dos seus actos, pelo imprevisível das suas atitudes, pela ausência de planos governativos e soluções administrativas nitidamente definidas, susceptíveis de efectivação fecunda e de realização durável, não deram ao sr. Teixeira Gomes os meios de poder constituir governos fortes pela homogeneidade e pela autoridade de todos os seus componentes, prestigiosos pela manifesta capacidade dos seus membros. Dir-se-há ainda que o Poder Legislativo, por seu turno, desmoralizando-se pelos seus actos incongruentes, debilitando-se pela abdicação repetida das suas prerrogativas, não produzindo obra acertada e oportuna, não intervindo, eficazmente e a tempo, para coibir os abusos governativos e os arbitrios da administração, não constituiu um esteio constitucional robusto para a boa harmonia dos poderes do Estado.

Tudo isto é infelizmente exacto e creio que não haverá quem ouse contestar a realidade dos factos, de uma dolorosa evidência. Mas certo é também que quando muita gente supunha que o sr. Teixeira Gomes, isento de paixões políticas pela sua longa permanência no estrangeiro, não nutrido de preferências por pessoas e grupos, manteve-se calmo, fleugmático, tenaz no exercício das suas altas funções, verificou-se que o desânimo se apossara do espirito do presidente da República que começou a dar demonstrações de hesitação e de desfalecimento, exteriorizando atitudes e praticando actos reveladores de uma debilidade constitucional que, inevitavelmente, iria agravar a confusão política e desenvolver ainda mais a desagregação dos par-

tidos e, conseqüentemente, a pulverização de grupos.

A crise presidencial, que se anuncia agora irremediável, existe desde o dia em que o sr. Teixeira Gomes, porventura pelo imperfeito conhecimento dos nossos homens públicos e das verdadeiras causas que os trazem divididos, porventura pela inexacta visão sobre a estrutura dos partidos que se fundaram em volta de clientelas e de pessoas e não em torno de doutrinas sociais e políticas, pretendeu imprimir tendências á nossa governação num sistema em que as rivalidades dos chefes e a falta de abnegação cívica dos dirigentes, tornavam impossível a determinação de qualquer directriz nítida e durável na marcha dos acontecimentos.

A crise presidencial existe clara e inofismável desde o dia em que o sr. Teixeira Gomes, sem explicar francamente os motivos, renunciou em Abril, por escrito, ao seu mandato, num momento de lutas políticas entre portugueses, numa ocasião em que estavam pendentes da decisão do Parlamento actos e medidas do governo então no poder, sobre os quais só a assembleia legislativa competia resolver em plena liberdade. Que vale juridicamente a solução artificial, adrede encontrada pelos partidos, para protelar a existência política do chefe do Estado levando-o a desistir da renúncia, como se este acto unilateral carecesse de qualquer confirmação e não produzisse imediatos efeitos?

A crise presidencial existe, de facto e de direito, desde essa data. O balão de oxigénio que se quiz insuflar no organismo presidencial agonizante não poderia ter a força de resistência para prolongar uma situação notavelmente enfraquecida. As mesmas causas produzem sempre os mesmos efeitos. Em vésperas de eleições legislativas, quando os partidos concluíram combinações uteis, quando alguns republicanos se entenderam para disputar o sufrágio popular em Lisboa e no Porto, eis que surgia, novamente, o anúncio da renúncia presidencial.

Simple coincidência? Mas um chefe de Estado, numa República parlamentar, não pode pôr a questão de confiança, por meio de renúncia, como o pôde fazer um presidente de uma República presidencialista que é directamente responsável pela política geral. Um chefe de Estado, numa Re-

pública parlamentar, *preside e não governa.*

A crise presidencial, virtualmente existente de ha muito, vai tornar-se uma realidade palpável? Nêste caso, a experiência aconselha que todos meditem profundamente no acto da substituição da personalidade que ainda ocupa o cargo de presidente da República. Se o sr. Teixeira Gomes, que não era um homem de partido, procedeu de molde a parecer agir como se fôra um chefe de partido, que confiança poderá merecer á Nação outra individualidade que se diz será escolhida no seio mesmo de um dos partidos republicanos?

Possue o sr. Teixeira Gomes, sem dúvida, vontade e energia e nunca foi um político militante. E todavia, desfaleceu, os políticos acusam-no de parcialidade. Se para o substituir se vai escolher uma personalidade, embora digna de respeito, mas filiada num partido, débil de vontade e falha de energia, a crise resolver-se-há?

A presidência da República não é uma escola de aprendizagem. O momento político que se atravessa é propício para se escolher para chefe de Estado uma pessoa que, pela sua vontade enérgica, tenacidade inquebrantável, reconhecidos méritos intellectuais e morais e clara visão das realidades políticas, seja capaz de assegurar a ligação entre o presente e o passado, manter as tradições essenciais e proteger a causa nacional e republicana contra o nefasto perigo das improvisações.

Entre as pessoas cujos nomes se indicam nas informações dos jornais, quero crêr que não será difícil discortinar a mais idónea dentre elas para o exercício da suprema magistratura na hora que passa.

ALBERTO XAVIER.

## Embaixada Britânica em Lisboa

O número de bilhetes de condolência pela morte de Sua Majestade a Rainha Alexandra deixados na Embaixada Britânica é tão elevado que o embaixador da Gran-Bretanha sente muito não poder agradecer a todos pessoalmente. Pede, portanto, a todas as pessoas que assim manifestaram o seu pesar pelo triste acontecimento que acaba de enlutar a família real e a Nação Britânica de aceitarem por êste meio o mais sincero reconhecimento.

TODAS AS MÃES DEVEM LER:

“MENINO,”

Poema em prosa por Bourbon e Meneses

## No Alto de S. João

### Como nós vimos a cremação do primeiro cadáver em Portugal

No sábado de manhã, pelas 9 horas, as poucas pessoas na posse do segredo da incineração do primeiro cadáver em Portugal reuniram-se no Cemitério do Alto de S. João para presenciar as experiencias. Havia ali especiais ordens de sigilo, mas o jornalista, apesar da severidade delas, conseguiu misteriosamente assistir ao acto. Até a porta principal foi fechada para mais facilmente se impedir a assistência de importunos. O forno, que há dias aguardava um cadáver para verificação do seu funcionamento, incinerou no espaço de 65 minutos o cadáver de Custódio dos Santos, vitimado pela tuberculose, e cuja família, por ser pobre, não o requisitou para fazer o funeral. Destinado ao teatro anatómico, o sr. dr. João Camoesas, ministro da instrução, cedeu-o ao sr. dr. Alfredo Guisado, o vereador a quem se deve êste melhoramento. No forno eitaam a assistir os srs. dr. Magalhães Lima, o maior propagandista da cremação em Portugal dr. Alfredo Guisado, engenheiro Lameira Buery, que superiormente dirigiu a construção; Vieira da Silva, chefe da Repartição dos Cemitérios, o dr. Manuel Barbosa Sueiro, médico e vereador da Câmara, que seguiu com particular interesse todas as fases da operação, junto de um dos óculos de mica. Durante a combustão e destilação do cadáver não se sentiu o mais leve cheiro, nem pela chaminé saiu fumo algum. As cinzas brancas e inodoras foram encerradas e soldadas num caixão de chumbo, que será depositado em frente da entrada do edificio, num mausoleu com a seguinte inscrição: «Aqui jazem as cinzas do primeiro cadáver incinerado em Portugal». Eis, em resumo, a história da misteriosa incineração do primeiro cadáver em Lisboa.

## Declaração

JOSE DOS SANTOS BANDEIRA, administrador-delegado do Banco de Angola e Metrôpol, tendo visto que o jornal «O Século» pela primeira vez, se refere ao seu nome fazendo afirmações absolutamente falsas e difamatórias, torna público o seguinte:

Que hoje mesmo constitue advogado a fim de ser instaurado contra o mesmo jornal procedimento criminal.

Que, enquanto os factos não estiverem esclarecidos, se afasta da Administração do mesmo Banco.

Lisboa, 30 de Novembro de 1925.

(a) J. dos Santos Bandeira.